O INTERESSE NACIONAL, A CRITICA DA INTEGRAÇÃO EUROPEIA E O IMPERATIVO DE UM NOVO SISTEMA INTERNACIONAL DE COOPERAÇÃO COMPULSÓRIA

国家利益、对欧洲一体化的批判以及建立强制性合作新国际体系的迫切需要

PROF. DR. VIRIATO SOROMENHO-MARQUES, PROFESSOR CATEDRÁTICO NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA- FILOSOFIA POLÍTICA, ÉTICA E FILOSOFIA AMBIENTAL, CONSELHEIRO DE ESTADO (PRESIDENTE CAVACO SILVA), CONSELHEIRO DO PRESIDENTE DA UNIÃO EUROPEIA JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO, MEMBRO DO HIGH-LEVEL GROUP, QUE DESENHOU AS POLÍTICAS DE ENERGIA E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS. "NEW NARRATIVE FOR EUROPE" (COMUNIDADE POLÍTICA ASSENTE NA SUSTENTABILIDADE E NA ECOLOGIA/ÉTICA PLANETÁRIA)

维里亚托·索罗门霍-马克斯教授 (Prof. Dr. Viriato Soromenho-Marques) 里斯本大学文学院正教授——政治哲学、伦理学与环境哲学；国务顾问（阿尼巴尔·卡瓦科·席尔瓦总统任期内）；欧盟委员会主席若泽·曼努埃尔·杜朗·巴罗佐的顾问；高层小组成员（曾参与设计欧盟能源与气候变化政策）。“欧洲新叙事”（一个基于可持续性、生态以及地球伦理的政治共同体）。

RESUMO (LAYOUT)

A minha intervenção vai abordar de uma forma rápida e muito sintética três aspetos que me parecem fundamentais. O primeiro é justamente definir o que é o interesse nacional nas relações internacionais, ou seja, o que é para Portugal? ... O segundo momento será uma visão crítica sobre as últimas décadas, no plano da do interesse nacional. Os últimos anos, as últimas décadas, quer na integração na União Europeia, quer no interior da NATO, a situação evoluiu de uma forma claramente negativa… Um terceiro aspeto será olharmos para o que está a acontecer no mundo. Hoje, quais são os grandes desafios que colocam em causa o nosso interesse nacional? ... E como é que podemos antecipar o

futuro? …Vou tentar mostrar que a transição do atual Sistema Internacional, pode desencadear um grande conflito. Um Sistema que está baseado numa hegemonia já não merecida, digamos assim, do Ocidente, dos Estados Unidos, com o apoio crítico subserviente da União Europeia. Este modelo não tem condições e a possibilidade de uma guerra de destruição maciça com armas nucleares está muito longe de estar superada.

Enfim, qual é a conclusão que eu vos proponho? A minha conclusão é que se queremos evitar apodrecer, digamos assim, numa situação que nos pode levar à guerra nuclear, Portugal deve ter uma política capaz de sair das amarras em que nos encontramos agora, Na União Europeia, sair das amarras não significa romper, significa pensar com autonomia, discutir, não aceitar ordens, não viver no passado e precisamos de adotar um conceito que eu venho defendendo há mais de 20 anos, ***o conceito de política de cooperação compulsória,*** *ou seja, perante os problemas do mundo, nós temos de cooperar com todos os países que defendam a vida, que defendam a sobrevivência da humanidade. Nós temos de cooperar com os países de que somos amigos e com aqueles países de que não queremos ser inimigos E isso passa evidentemente pelas questões da paz e da guerra… Não queremos a destruição mútua acelerada, mas temos que pensar também nas questões do ambiente. Nós não podemos promover uma destruição mútua ambiental, como estamos a fazer agora e precisamos de criar uma regulação comum na cooperação internacional.*

…O centro de gravidade da economia e da tecnociência está a mudar. É muito curioso que na Europa e nos Estados Unidos nós não nos apercebamos do significado desse facto. …constatamos claramente uma consolidação da supremacia do produto interno bruto dos BRICS, com 35,43% contra 29,64%. Mas mais importante do que isto é o deslocar do centro de gravidade da inovação científica e tecnológica.

…Na verdade, a mesma liderança medíocre que está a arruinar a zona euro, talvez acabe por deixar mergulhar a Europa num mar de ferro e fogo. O milagre da queda do regime soviético não terá uma segunda edição russa.

Onde é que nós estamos hoje, no contexto internacional? Estamos, de facto, numa situação de encruzilhada planetária. Podemos identificar as três grandes ameaças que são globais. Temos uma ameaça de guerra (nuclear)que eu chamo, recorrendo a uma metáfora médica, o ataque cardíaco!... a União Europeia, que exibira a bandeira verde da paz e da ecologia, a trocou pelos estandartes da guerra e neste momento está

fundamentalmente preocupada numa corrida aos armamentos e os Estados Unidos têm uma política governamental de destruição da informação científica, dos mecanismos científicos de monitorização da crise ambiental e climática…

Para terminar, três conclusões especificamente para Portugal:

Portugal deve defender o princípio do primado da paz e cooperação compulsória em todos os centros de poder onde se encontra… Portugal deve defender o princípio do primado da paz e cooperação compulsória em todos os centros de poder onde se encontra. Isto significa que na União Europeia nós temos de ter uma voz própria... Não podemos continuar a fazer como fez um Primeiro-Ministro no passado, que perante uma política completamente errada de austeridade da troika, disse, temos de ir para além da troika… e na NATO, não podemos aceitar que o nosso território seja usado para operações de guerra agressiva contra o direito internacional.

Segundo aspeto, Portugal deve abrir todas as suas históricas janelas de liberdade, na expressão do Professor Adriano Moreira, querido e saudoso amigo. Ou seja, nós temos de olhar para a nossa história. Nós temos de perceber que há um capital histórico que Portugal não está a usar. Deixou-nos muitos pontos de contacto, muitas potenciais parcerias económicas e culturais com outros países do mundo… E finalmente, para que não se caia uma nova guerra mundial, a China perfila-se como um sujeito decisivo, uma China não-imperial, promotora de uma nova ordem multipolar baseada no combate a riscos existenciais comuns… Eu tenho confiança de que a China, num contexto internacional em que a voz de todos os outros polos interessados na paz se faça ouvir, continuará um caminho que é baseado no respeito mútuo, na cooperação vantajosa e não na criação de oitocentas bases militares espalhadas pelo mundo (pelos EUA) para projetar não a força das ideias, não a força dos valores, mas a força das armas. É preciso que Portugal e outros países participem nesta transição do sistema internacional, que é a única oportunidade que temos de evitar uma grande catástrofe bélica, que infelizmente continua a ser altamente provável.

发言摘要（大纲）

我的发言将快速且精炼地阐述三个核心方面。

- **第一，界定国际关系中的“国家利益”：** 也就是说，对葡萄牙而言，国家利益究竟是什么？

- **第二，对过去几十年的国家利益进行批判性审视：** 过去几年乃至几十年里，无论是在融入欧盟的过程中，还是在北约内部，形势的演变显然都非常负面。
- **第三，审视当今世界正在发生的事情：** 如今，有哪些重大挑战在威胁着我们的国家利益？我们又该如何预测未来？

我将试图阐明，**当前国际体系的转型可能会引发一场大规模冲突。**这个国际体系建立在西方（主要是美国）已不再名副其实的霸权之上，并且得到了欧盟盲目地支持。这种模式是不可持续的，**使用核武器的大规模毁灭性战争发生的可能性远未消除。**

总之，我向各位提出的结论是什么？我的结论是，如果我们想避免在可能将我们引向核战争的境地中"腐烂"下去，**葡萄牙必须拥有一项能够摆脱当前束缚的政策。**在欧盟内部，摆脱束缚并不意味着决裂，而是意味着**独立思考、展开辩论、拒绝盲从、不活在过去。**

我们需要采纳一个我捍卫了 20 多年的概念——**"强制性合作"（Cooperação Compulsória）政策。**也就是说，面对全球性问题，我们必须与所有捍卫生命、捍卫人类生存的国家开展合作。我们必须与我们的友好国家合作，同时也必须与那些我们不想与之成为敌人的国家合作。这显然涉及战争与和平的问题。我们不希望看到"加速共同毁灭"，但我们也必须思考环境问题。我们不能像现在这样推动"环境层面的共同毁灭"，我们需要在国际合作中建立共同的监管机制。

经济和科技的重心正在转移。 非常奇怪的是，在欧洲和美国，我们竟然没有意识到这一事实的重大意义。我们清楚地看到，**金砖国家（BRICS）在全球国内生产总值（GDP）中的主导地位正在巩固，达到 35.43%，而七国集团（G7）仅为 29.64%。**但比这更重要的，是科学和技术创新重心的转移。

事实上，正在毁掉欧元区的同一批平庸的领导层，或许最终会让欧洲陷入一片铁血火海之中。苏联政权倒塌的奇迹，不会在俄罗斯身上上演第二版。

在当前的国际背景下，我们究竟身处何处？我们实际上正处于**地球的十字路口。**我们可以识别出三大全球性威胁。第一种是战争（核战争）的威胁，我借用一个医学隐喻，将其称为**"心脏病发作"**！欧盟曾展示过代表和平与生态的绿色旗帜，如今却换成了战争的军旗，目前本质上只关心军备竞赛。而美国政府的政策则在破坏科学信息，摧毁监测环境和气候危机的科学机制。

最后，我为葡萄牙提出**三点具体结论**：

1. **坚持和平与"强制性合作"原则：**葡萄牙必须在自身所处的各大权力中心捍卫和平与强制性合作原则。这意味着在欧盟内部我们必须有自己的声音。我们不能重蹈过去某位总理的覆辙——面对国际货币基金组织、欧洲央行

和欧盟委员会（三驾马车）完全错误的紧缩政策时，他竟然声称“我们必须超越三驾马车”。而在北约内部，我们绝不能允许我们的领土被用于违反国际法的侵略性战争行动。

2. **重开历史的“自由之窗”：** 借用我亲爱且怀念的朋友阿德里亚诺·莫雷拉（Adriano Moreira）教授的话，葡萄牙必须打开其历史上的所有自由之窗。也就是说，我们必须审视自己的历史，意识到葡萄牙拥有一笔尚未利用的历史资本。它为我们留下了许多连接点，以及与世界上其他国家进行经济和文化深度合作的潜在伙伴关系。
3. **多极化秩序与中国的关键角色：** 为了防止发生新的世界大战，**中国正展现出作为一个决定性力量的角色——一个非帝国主义的中国，一个致力于基于共同面对人类生存风险的多极新秩序的推动者。**我有信心，在所有关切和平的力量都能发出声音的国际环境下，中国将继续走一条基于相互尊重、互利合作双赢的道路，而不是像美国那样在全球设立 800 个军事基地，去投放武器的武力，而非思想和价值的力量。葡萄牙和其他国家必须参与到国际体系的这场转型中来，这是我们避免发生重大军事灾难的唯一机会，而极具讽刺意味的是，这种灾难发生的概率目前依然极高。

Muito bom dia a todos os participantes nesta sexta Conferência Internacional sobre as relações entre Portugal e a China. Lamento muito não estar presente convosco em pessoa, mas estou em espírito e é justamente sobre o espírito que agora vamos falar. A minha intervenção vai abordar de uma forma rápida e muito sintética aspetos que me parecem fundamentais. O primeiro é justamente definir o que é o interesse nacional nas relações internacionais, ou seja, o que é para Portugal? O que significa em 2026 quer na perspetiva da história anterior, quer na perspetiva dos problemas que temos pela frente, colocar as questões do interesse nacional da soberania, como aspetos fundamentais para delinear o futuro. O segundo momento será uma visão crítica sobre as últimas décadas, no plano da do interesse nacional. Nos últimos anos, as últimas décadas, quer na integração na União Europeia, quer no interior da NATO, a situação evoluiu de uma forma claramente negativa. Um terceiro aspeto será olharmos para o que está a acontecer no mundo. Hoje, quais são os grandes desafios que colocam em causa o nosso interesse nacional? O interesse nacional, evidentemente, de outros povos! E como é que podemos antecipar o futuro? Ora, a parte final vai nesse sentido e eu irei tentar mostrar que existe uma grande possibilidade de a transição do atual Sistema Internacional, desencadear um

grande conflito. Um Sistema que está baseado numa hegemonia já não merecida, digamos assim, do Ocidente, dos Estados Unidos, com o apoio crítico subserviente da União Europeia. Este modelo não tem condições de se sustentar e, sublinho, na transição para um outro modelo poderá ocorrer um acidente, ou seja, um conflito, uma situação de derrapagem. E a possibilidade de uma guerra de destruição maciça com armas nucleares está muito longe de estar superada. Portanto, estamos numa fase muito perigosa. Todavia, há sinais positivos. Há sinais que nos dão algum alento, nomeadamente pelo facto de que há uma transferência, quer no plano económico, quer no plano da capacidade tecnocientífica, da capacidade de iniciativa para outros países e outras regiões do mundo que, no fundo, permitem antecipar uma nova Ordem Internacional com mais capacidade de enfrentar os problemas gigantescos que temos como humanidade. Abordemos então o Tema apontamentos sobre as relações Portugal-China, neste tempo de os perigos e vamos Numa definição muito genérica, o que é o interesse nacional? È fundamentalmente a capacidade de proteger as vidas e os bens dos seus cidadãos. Mas não só, é também a capacidade de construir instituições e relações com os outros povos que permitam a segurança da comunidade nacional, em todos os elementos que garantem a sua continuidade no espaço e no tempo. Para mim, uma das questões mais preocupantes do nosso tempo é a total injustiça entre gerações que estamos a ver. Ou seja, em vez de fazermos da justiça entre gerações, da preparação do futuro, do acolhimento das próximas gerações, uma tarefa comum, nós estamos justamente a nível internacional a colocar em causa o mundo, o planeta onde essas gerações vão viver.

No caso de Portugal, durante mais de meio século fomos um país europeu que teve uma existência binária uma, existência dupla ou seja, a partir da segunda dinastia, a partir de mil quatrocentos e quinze_ o fim da conquista do território nacional, Portugal começou a garantir a sua segurança na Europa através do quê? Através da sua expansão e de uma relação com territórios e povos que estavam em diferentes ultramares, ou seja, que estavam ou na Costa de África ou que estavam nas Américas, no caso do Brasil ou que estavam na Ásia. Portanto, isso configurou o interesse nacional entre 1415 e 1974. Seja na monarquia, seja na Primeira República, seja no Estado Novo, foi pensado dessa forma e por isso é muito interessante vermos um militar do tempo do Estado Novo. o Coronel Pereira da Conceição, que nos diz aqui de uma forma muito estreita e clara que a razão pela qual em 1952, Portugal tinha nos Estados Unidos o aliado preferencial, era a mesma razão pela qual no passado esse aliado era a Grã-Bretanha e no futuro poderia ser o Japão.

É muito interessante que um oficial português olhasse para o Japão que estava destruído, arruinado com bombas atómicas como um país com um potencial estratégico. Enfim, poderia ter pensado na China, eventualmente, mas não deixa de ser interessante ver esta capacidade de olhar para o futuro. Agora podemos perguntar de novo onde é que está o interesse nacional, como onde é que estamos nós em matéria de interesse nacional, um conceito muito importante que está hoje totalmente. Hoje confundimos o interesse nacional com um interesse europeu que na verdade não existe sequer: onde é que está o interesse europeu, quem é o seu titular? Onde é que foi definido o interesse europeu? Não foi certamente na Comissão Europeia e, na verdade, depois do 25 de Abril, com a nossa Constituição de abril de 1976, nós recomeçámos a história e recomeçámos a história numa perspetiva que tinha fundamentalmente a ideia do respeito pelos outros Estados, na procura da paz Internacional, na dissolução dos blocos político-militares, como diz o artigo 7º da Constituição, um objetivo e um guia fundamental. Ora, eu julgo que não é errado considerar que, quer no que diz respeito à integração europeia, quer no que diz respeito à questão da integração no bloco da NATO, nós estamos numa situação que é de evidente e crescente fracasso. Onde é que falhámos na integração europeia? Empenhámo-nos, em primeiro lugar, na integração da União Económica monetária, ou seja, como eu explicar em 2 livros publicados em 2014 e 2019, Portugal não foi capaz de perceber que a integração numa União Monetária, sem a existência de mecanismos compensatórios, como é o caso do federalismo orçamental, teria como resultado uma situação que nos criou e cria por problemas de estagnação económica de crescimento, de não crescimento e de grande sofrimento social, como foi o caso quando aconteceu a crise do euro incorretamente designada como crise das dívidas soberanas. Aliás, se repararmos olhando retrospetivamente para a economia portuguesa, nós nos últimos. 60/70 anos, tivemos apenas dois períodos de crescimento em que houve convergência real com o cabaz de economias mais desenvolvidas do que a nossa. Foi entre 1960 e 1973, portanto, na década anterior ao 25 de Abril, em que avançámos numa convergência de 20 pontos percentuais. Passámos de 30 para 50 pontos percentuais em relação a um cabaz de 15 economias desenvolvidas. E depois tivemos, já na integração Europeia, outro período entre 1986 e 1992, onde houve uma convergência real de 15 pontos percentuais, quer com as economias da OCDE, quer com as economias dos 15 países que vieram a fazer parte na década de 90 da União Europeia. Todavia, essa convergência perdeu-se em grande parte com a austeridade, com a crise financeira, com a crise do euro e realmente é caso para dizer, como aqui escrevo, que a zona euro é hoje um sistema assimétrico e errático. Ela

condena países como Portugal, a uma estagnação , em vez de um sistema de transferências orçamentárias entre regiões. E nós na verdade fomos contribuintes líquidos da União Europeia pelas piores razões. Porque a verdade é que saímos da austeridade, saímos do período da Troika com um saldo profundamente negativo. Perdemos capacidade estratégica no plano económico. Grandes empresas públicas nacionais saíram de controlo nacional, como o caso da EDP, da REN, da GALP, dos CTT, da ANA e, portanto, no fundo, os erros políticos dos governos portugueses na década de 80 e 90 pagaram-se muito caro no neste século. E hoje a NATO de facto é um risco existencial. Eu recordo a quem me ouve que nós neste momento fazemos parte de um bloco de um duplo bloco ou seja a NATO e a e a União Europeia hoje, que são um monstro de duas cabeças. Na verdade a União Europeia está hoje numa situação de crescente probabilidade de entrar numa guerra catastrófica com a Rússia. Se porventura a União Europeia entrar em guerra com a Rússia será destruída nessa guerra, não tenhamos dúvidas, e o mais certo é que os Estados Unidos não participem nessa guerra. Portanto, isto mostra também o desvario das lideranças europeias. Eu recomendo a todos a leitura de um texto profético, talvez o melhor texto que recolhi na década de 90, em qualquer língua europeia, em que Diogo Freitas do Amaral, o fundador do CDS e um político ilustre português, definiu numa página da revista Visão no seu artigo de 29/04/99, chamado o 50º aniversário da NATO, a situação em que estamos hoje[1]. Eu tinha lido este artigo há muitos anos e quando o reli, senti um arrepio, ou seja, a inteligência é a única máquina do tempo que nós temos. A inteligência quer na capacidade de ler o passado, quer na capacidade de antecipar o futuro. E Diogo Freitas do Amaral era um dos homens mais inteligentes na política. E cá estamos, Portugal deixou-se arredar numa guerra de procuração contra a Rússia e está de joelhos. Eu sinto vergonha, eu sinto vergonha do governo português, do ministro dos negócios estrangeiros, uma vergonha alheia pela forma como o Marco Rúbio nos iludiu. É de facto abominável esta situação. Ora, onde é que nós estamos? Nós estamos numa situação de incerteza, mas eu tenho duas certezas e vou partilhar convosco essas duas certezas.

A primeira certeza é de que temos de obedecer ao princípio da Destruição Mútua Assegurada (conhecida pela sigla inglesa MAD - Mutually Assured Destruction), ou seja, um princípio fundamental definido pelo Presidente JFK, Presidente Kennedy, poucos

[1] No seu artigo de opinião publicado na revista Visão em 29 de abril de 1999, intitulado "O 50.º Aniversário da NATO", Diogo Freitas do Amaral criticou a intervenção militar da organização na Jugoslávia durante a Guerra do Kosovo, afirmando que o Ocidente estava a adotar uma postura arrogante e contrária ao Direito Internacional, antecipando um ciclo de instabilidade e conflitos futuros. Ver: https://azoreantorpor.wordpress.com/2026/04/04/o-que-fizemos-com-a-nossa-liberdade/

meses depois da crise dos mísseis de Cuba, é um discurso que ele fez em Washington em 10/07/63 e poucos meses antes de ser assassinado. Aliás, o próprio assassínio de Kennedy é um escândalo, na medida em que toda a gente sabe quem foi e ninguém diz quem foi. E no fundo, nós não tivemos uma guerra nuclear, por uma única e absoluta razão: tanto do lado da União Soviética e do Pacto de Varsóvia, como do lado dos Estados Unidos e da NATO, existia a firme convicção de que não era possível travar uma tal guerra sem que ela conduzisse à morte global e à destruição da nossa civilização. E afirmava o Presidente Kennedy, de uma forma muito clara, que enquanto defendem os seus próprios interesses vitais, as potências nucleares devem evitar os confrontos que levem o adversário a optar entre uma retirada humilhante ou uma guerra nuclear. Não adotar esse tipo de atitude na era Nuclear, como desejar a morte do nosso mundo. E quero sublinhar que agora temos à frente da política externa e de segurança da União Europeia, uma senhora chamada Kaja Kallas, que já foi Primeira-Ministra da Estónia, que com um sorriso muito cândido, diz que o objetivo da União Europeia é a derrota estratégica da Rússia, de modo que seja possível dividir a Federação Russa em cinco ou seis entidades independentes. E é difícil acreditar que seja esta a diplomata que representa os 27 países da União Europeia , a proclamar esta loucura, a não ser porque estamos numa época de profunda decadência intelectual e não haja ninguém, na burocracia europeia, que a conduza de imediato a frequentar a escola primária da política.

A segunda questão em que eu tenho perfeita certeza escrevi-a há mais de 10 anos, num artigo publicado no Diário de Notícias em 21/02/2015, ou seja, um ano depois do derrube em Kiev do Governo legítimo do Presidente Viktor Yanukovych por um golpe de Estado financiado pelos Estados Unidos e apoiado pela União Europeia. Eu escrevi o seguinte: Gorbashov esteve em Berlim , em 2014 para comemorar os 25 anos da queda do muro, mas ninguém o escutou quando este acusou para o Ocidente de ter traído a Rússia, cercando-a. A UE, ao patrocinar a insurreição de rua contra o governo legítimo, que caiu em 22 de Fevereiro de 2014, violou uma regra básica das relações internacionais. Não se desafiam potenciais inimigos que não queremos enfrentar. As vozes ensandecidas no Ocidente que querem combater Moscovo até ao último soldado ucraniano, não percebem que é a atual fragilidade da Rússia que faz aumentar a probabilidade de uma escalada bélica e podem conduzir no limite a uma guerra nuclear na Europa. Eu escrevi isto, há 11 anos! Na verdade, a mesma liderança medíocre que está a arruinar a zona euro, talvez acabe por deixar mergulhar a Europa num mar de ferro e fogo. O milagre da queda do regime soviético não terá uma segunda edição russa.

Onde é que nós estamos hoje, no contexto internacional? Estamos, de facto, numa situação de encruzilhada planetária. Podemos identificar as três grandes ameaças que são globais. Temos uma ameaça de guerra que eu chamo, recorrendo a uma metáfora médica, o ataque cardíaco! Portanto, se entrarmos numa escalada em que as armas nucleares sejam utilizadas, eu tenho a certeza que será uma guerra tragicamente breve. A questão essencial em que o Ocidente se cobre de vergonha, é que a União Europeia, que exibira a bandeira verde da paz e da ecologia, a trocou pelos estandartes da guerra e neste momento está fundamentalmente preocupada numa corrida aos armamentos e os Estados Unidos têm uma política governamental de destruição da informação científica, dos mecanismos científicos de monitorização da crise ambiental e climática. Uma vergonha. Há uma espécie de regresso à Idade Média, em particular nos Estados Unidos, que nos torna a nós Ocidente numa força de bloqueio e de agravamento da crise internacional. E temos também um desafio inquietante, o desafio da tecnologia digital, da inteligência artificial, completamente à solta. O que está a acontecer é o investimento bilionário na inteligência artificial fundamentalmente para fins militares e isso está a ser ensaiado num qualquer laboratório, está a ser praticado no mundo inteiro. Todos nós somos agora ratinhos de laboratório. Todos nós quando usamos computadores, quando usamos os telemóveis estamos a ser ratinhos do laboratório de uma deriva da inteligência artificial que no caso do Ocidente é controlado fundamentalmente pela procura de lucro e pela aliança entre política e tecnofeudalismo digital. E o que é que acontece no mundo real? No mundo real basta vermos o que a evolução do clima. Estamos a viver uma situação em que podemos cada vez mais, nos próximos anos e décadas, conduzir a terra para uma situação de fornalha, ou seja, puma situação em que a temperatura média vai aumentar 3 ou 4 e vai tornar o mundo totalmente caótico. Vai destruir a agricultura, vai colocar problemas de acesso à água. Vai no fundo criar zonas inteiras do planeta completamente inabitáveis e vai criar, evidentemente, uma corrida para os conflitos pela sobrevivência de uns contra os outros. Temos felizmente uma comunidade científica que está a trabalhar nas chamadas ciências do Sistema Terra e nos seus ecossistemas, de que destaco o projeto dos limites planetários, em que de alguma forma a comunidade científica criou uma espécie de painel de controlo da situação que está organizado em nove grandes subsistemas, que vão desde a biodiversidade às alterações climáticas, ao uso do solo, à água potável, aos oceanos… e vai medindo o grau de sustentabilidade ou insustentabilidade.[2] No quadro da última

[2] Ciência do Sistema Terra (Earth System Science): Os investigadores utilizam supercomputadores e inteligência artificial para criar gémeos digitais do planeta. Estes modelos ajudam a prever os chamados

atualização, que foi do final de 2023, podemos ver que destes 9 macroindicadores, apenas 3 ainda estão numa zona que podemos considerar de, digamos assim, positiva, embora também tenham tendência para se agravar.

E o que é que está a acontecer no mundo? Está a acontecer uma mudança, uma mudança profunda. O centro de gravidade da economia e da tecnociência está a mudar. É muito curioso que na Europa e nos Estados Unidos nós não nos apercebamos do significado desse facto. Porque na fase de civilização em que na Europa e os Estados Unidos estão, parece que a única coisa importante é olhar para o umbigo? Mas na verdade esta informação é uma informação recolhida por uma empresa ocidental, a grande empresa de estatística alemã e o resultado é que PIB mundial se deslocou entre o ano 2000 e o ano de 2024 do G7 dos países ocidentais para os países dos BRICS. Em 2000 o G7 representava 43,28% do PIB global contra 21,37% dos BRICS. Em 2018 deu-se a inversão, ou seja, pela primeira vez os BRICS tiveram um piso ligeiramente superior ao G 7, de 31,84% para os 32,33% dos BRICS; e em 2024 constatamos claramente uma consolidação da supremacia do produto interno bruto dos BRICS, com 35,43% contra 29,64%. Mas mais importante do que isto é o deslocar do centro de gravidade da inovação científica e tecnológica. E neste caso, mais uma vez eu recorro a uma informação rigorosa de um país cujo governo não manifesta especial simpatia nem com a China nem com os BRICS. O Australian Strategic Policy Institute apresentou um relatório muito interessante, que deveria ser de leitura obrigatória em 2003 e fez uma comparação entre o ano de 2003, quando começaram a publicar este relatório anual e 2023, abrangendo uma série de 20 anos. E qual foi a conclusão a que chegaram? Que em 2003, os Estados Unidos lideravam em 60 das 64 tecnologias. Em 2023, passaram de 60 para 7, baixaram de 60 para 7. A China, pelo contrário, passou do lugar da frente em 3 tecnologias, em 2003, para 57 da das 64 tecnologias. Se a União Europeia contasse como país, lideraria apenas em 2 tecnologias: sensores de força gravitacional e pequenos satélites. Mas não deixa de ser interessante verificar que outros países dos BRICS também tinham um lugar significativo na inovação tecnológica e científica. Por exemplo, a Índia está entre os cinco primeiros países em 45 das 64 tecnologias e o Irão está em 8 dessas 64 tecnologias. Curiosamente, está à frente está em tudo que tem a ver com os veículos aéreos não tripulados, como,

"pontos de rutura" (tipping points), como o colapso da floresta amazónica ou o degelo do permafrost, permitindo antecipar desastres climáticos. abordando o planeta como um superorganismo onde o clima, os oceanos, as florestas e a atmosfera estão completamente interligados. Procuram Soluções Baseadas na Natureza, desenvolvem a Engenharia de Ecossistemas e a Geoengenharia, investigam a Resiliência e Adaptação Biológica.

aliás, se percebeu nesta guerra em que o Irão destruiu as bases americanas. As 14 bases americanas foram destruídas, portanto ou tornadas completamente inúteis. pela tecnologia militar iraniana.

Enfim, qual é a conclusão que eu vos proponho? A minha conclusão é que se queremos evitar apodrecer, digamos assim, numa situação que nos pode levar à guerra nuclear, Portugal deve ter uma política capaz de sair das amarras em que nos encontramos agora, Na União Europeia, sair das amarras não significa romper, significa pensar com autonomia, discutir, não aceitar ordens, não viver no passado e precisamos de adotar um conceito que eu venho defendendo há mais de 20 anos, o conceito de política de cooperação compulsória, ou seja, perante os problemas do mundo, nós temos de cooperar com todos os países que defendam a vida, que defendam a sobrevivência da humanidade. Nós temos de cooperar com os países de que somos amigos e com aqueles países de que não queremos ser inimigos E isso passa evidentemente pelas questões da paz e da guerra. Não queremos a destruição mútua acelerada, mas temos que pensar também nas questões do ambiente. Nós não podemos promover uma destruição mútua ambiental, como estamos a fazer agora e precisamos de criar uma regulação comum na cooperação internacional. Precisamos de segurança humana, incluindo o combate à pobreza e à desigualdade, e precisamos de retirar a inovação à ditadura dos mercados. Precisamos de uma tecnologia para o mundo, para a polis mundial. Isso implica a existência de um outro Sistema Internacional, um Sistema Internacional multipolar, um Sistema Internacional onde a soberania dos Estados seja respeitada e onde os estados mais poderosos contribuam para que os estados que têm mais dificuldades possam progredir.

Para terminar, três conclusões especificamente para Portugal:

Portugal deve defender o princípio do primado da paz e cooperação compulsória em todos os centros de poder onde se encontra. Isto significa que na União Europeia nós temos de ter uma voz própria. Não podemos continuar a fazer como fez um Primeiro-Ministro no passado, que perante uma política completamente errada de austeridade da troika, disse, temos de ir para além da troika. Enfim, no passado, há uns anos, isso seria considerado uma traição nacional e na NATO, não podemos aceitar que o nosso território seja usado para operações de guerra agressiva contra o direito internacional.

Segundo aspeto, Portugal deve abrir todas as suas históricas janelas de liberdade, na expressão do Professor Adriano Moreira, querido e saudoso amigo. Ou seja, nós temos de olhar para a nossa história. Nós temos de perceber que há um capital histórico que Portugal não está a usar. Pelo contrário, quando temos um governo português que ataca

o Governo do Brasil, direto ao Presidente Lula da Silva, quando não investimos na Ásia, não aprofundamos as relações com a China, com o Japão e outros países, nós estamos a esquecer que o nossa história nos legou. Deixou-nos muitos pontos de contacto, muitas potenciais parcerias económicas e culturais com outros países do mundo, que para nós são janelas de liberdade, são janelas de interdependência mútua, favorável a nós e aos outros.

E finalmente, para que não se caia uma nova guerra mundial, a China perfila-se como um sujeito decisivo, uma China não-imperial, promotora de uma nova ordem multipolar baseada no combate a riscos existenciais comuns. Não-imperial significa que a própria cooperação de Portugal e outros países com a China será um fator extremamente importante para que não se repitam os erros e as escolhas desastrosas que, por exemplo, os Estados Unidos fizeram: foram na sua fundação uma potência que defendia a paz, que defendia a luta contra os impérios, mas acabou por se tornar num novo império e, neste momento, num império que põe em causa a segurança do planeta. Eu tenho confiança de que a China, num contexto internacional em que a voz de todos os outros polos interessados na paz se faça ouvir, continuará um caminho que é baseado no respeito mútuo, na cooperação vantajosa e não na criação de oitocentas bases militares espalhadas pelo mundo (pelos EUA) para projetar não a força das ideias, não a força dos valores, mas a força das armas. É preciso que Portugal e outros países participem nesta transição do sistema internacional, que é a única oportunidade que temos de evitar uma grande catástrofe bélica, que infelizmente continua a ser altamente provável. Muito obrigado pela vossa atenção.